

A NOÇÃO NIETZSCHIANA DE TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES (UMA ANÁLISE A PARTIR DAS SEÇÕES § 7 E § 8 DA PRIMEIRA DISSERTAÇÃO DE GENEALOGIA DA MORAL)

[THE NIETZSCHIAN NOTION OF TRANSVALUATION OF VALUES (AN ANALYSIS BASED ON SECTIONS § 7 AND § 8 OF THE FIRST DISSERTATION ON GENEALOGY OF MORALS)]

João Evangelista Tude de Melo Neto *
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO: Nosso artigo busca atingir dois objetivos. O primeiro deles consiste em tentar levar a cabo um esclarecimento conceitual e terminológico acerca de duas acepções específicas que a expressão "transvaloração dos valores" apresenta no *corpus* nietzschiano. Nossa segunda meta, a qual tomará como ponto de partida o cumprimento do primeiro objetivo, constitui-se como uma tentativa de exame acerca da admissibilidade histórica da "tese da transvaloração dos valores" apresentada por Nietzsche nas seções § 7 e § 8 da primeira dissertação de *Genealogia da Moral*. Pretendemos, para tanto, determinar, aproximadamente, em que momento histórico poderia ter acontecido, aos olhos de Nietzsche, a transvaloração dos valores.

PALAVRAS-CHAVE: Transvaloração dos valores; Judaísmo; Nietzsche; Cristianismo

ABSTRACT : Our article has two objectives. The first of them consists in trying to carry out a conceptual and terminological explanation about the two specific meanings that the expression "reevaluation of values" presents in the Nietzschean corpus. Our second goal, which will take as its starting point the fulfillment of the first objective, constitutes an attempt to examine the historical admissibility of the "thesis of the reevaluation of values" presented by Nietzsche in sections § 7 and § 8 of the first dissertation of *Genealogy of Morals*. For this purpose, we intend to determine, approximately, at what historical moment, in the eyes of Nietzsche, the transvaluation of values could have happened.

KEYWORDS: Reevaluation of values; Judaism; Nietzsche; Christianity

1. INTRO: DUAS QUESTÕES ACERCA DA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Nosso artigo irá perseguir dois objetivos. O primeiro deles consiste na tentativa de realizar um esclarecimento conceitual e terminológico acerca das duas acepções específicas que a expressão "transvaloração dos valores" (*Umwertung der Werte*) assume na obra de Nietzsche.¹ O segundo, que tomará como premissa o esclarecimento realizado com o cumprimento do primeiro objetivo, caracterizar-se-á como um exame histórico acerca da "tese da transvaloração dos valores", elaborada pelo filósofo nas seções § 7 e § 8 da primeira dissertação de *Genealogia da Moral*. Nossa meta é tentar compreender a argumentação nietzschiana à luz de sua possibilidade de plausibilidade histórica. Para tanto, almejamos determinar, aproximadamente, em que

* *Doutor em Filosofia. Prof. de filosofia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutorou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) com estágio sanduíche na Universidade de Reims Champagne-Ardenne (França). Está vinculado ao Grupo de Estudos Nietzsche (GEN) e faz parte do GT-Nietzsche da ANPOF. E-mail: joaonetofilosofia@gmail.com*

momento da história poderia ter havido a suposta transvaloração dos valores propalada pelo filósofo. Além das supracitadas seções da *Genealogia da moral*, recorreremos às seções § 24, § 25 e § 26 de *O Anticristo*, a passagens do *Antigo testamento* e a estudos historiográficos acerca do judaísmo e do cristianismo.

2. AS DUAS ACEPÇÕES DA EXPRESSÃO "TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES"

Na seção final de *O Anticristo*, Nietzsche "acusa" o cristianismo de ter cometido a "mais subterrânea conspiração" "*contra a vida*".² Na verdade, essa incriminação consiste numa espécie de derradeira inferência, resultante de uma argumentação que foi desenvolvida ao longo de praticamente todo o livro. Grosso modo, podemos resumir o raciocínio do autor da seguinte forma: a vertente hegemônica do cristianismo teria popularizado as ideias de além-mundo e de "imortalidade" pessoal com o objetivo de legitimar e propagar os seus próprios valores morais – como vertente hegemônica do cristianismo, Nietzsche tem em mente, sobretudo, o cristianismo derivado da perspectiva paulina.³ Na ótica do filósofo, o cristianismo só conseguiu sustentar e disseminar sua moral por meio da promessa de redenção num "além-vida" de perenes recompensas e pelo medo da danação eterna. Esse estratagema cristão – o qual, no entender de Nietzsche, caracteriza-se pela mendacidade – teria, entretanto, conduzido o Ocidente à desvalorização do mundo terreno e da vida corpórea. Isso porque o "centro de gravidade" desta vida teria sido deslocado para uma vida em uma transcendência completamente fictícia.⁴

No último parágrafo da referida seção de *O Anticristo*, o filósofo, todavia, vai além deste posicionamento meramente crítico em relação ao cristianismo, uma vez que parece propor uma total refundação do Ocidente, até então norteado pela moral cristã. De fato, no trecho em questão, Nietzsche sugere que cessemos de contar o tempo a partir do dia mais extraordinário para tradição cristã e recomeçemos a contá-lo a partir de 30 de setembro de 1888, data em que, provavelmente, finalizou de redigir *O Anticristo*.⁵ Examinemos a passagem: "E o tempo é contado pelo *dies nefastus* (dia nefasto) com que teve início essa fatalidade – pelo do primeiro dia do Cristianismo! – *Por que não pelo último? A partir de hoje?* – [*Transvaloração*] *de todos os valores*"!...".⁶ Enfim, Nietzsche conclui seu livro proclamando o leitor para o que ele chama de *transvaloração de todos os valores*. Ora, se levarmos em conta o contexto argumentativo de *O Anticristo*, parece que podemos entender a noção nietzschiana de 'transvaloração de todos os valores' como uma espécie de projeto que tem por meta efetivar uma total reviravolta valorativa na moral ocidental. Em outros termos, transvalorar consistiria na superação dos antigos valores vigentes – os quais teriam disseminado o desprezo pela vida terrena – e, ao mesmo tempo, na criação de novos valores que conduziriam o Ocidente à afirmação da imanência.

Em *O Anticristo*, destarte, a *transvaloração dos valores* é apresentada como uma espécie de projeto a ser levado a cabo. Ao que parece, é nessa mesma direção que também podemos compreender a supracitada expressão, quando ela se faz presente no parágrafo 203 de *Além de bem e Mal*. Nessa passagem, Nietzsche se refere à transvaloração como uma "*tarefa*" (*Aufgaben*) a ser implementada pelos "novos filósofos", os quais teriam de "estimular valorizações opostas e [transvalorar] (...) 'valores eternos'".⁷ Em *Ecce Hommo*, o filósofo utiliza a sua expressão num sentido equivalente ao de *Além de bem e mal*, visto que, naquele escrito, ele faz alusão à transvaloração também utilizando o termo "*tarefa*".⁸ Nesse caso, contudo, ele toma pra si a referida incumbência. É, portanto, entendendo-se como o homem destinado a

realizar tão extraordinária tarefa, que Nietzsche elenca a transvaloração como o objetivo dos últimos anos de sua vida lúcida e, em função dessa meta, redige as suas derradeiras obras: "[*Transvaloração*] de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne".⁹

Em todas as passagens acima citadas, 'transvaloração dos valores' expressa, muito claramente, a ideia de um evento que deve acontecer no porvir. Isto é, ou ela assume a fórmula de uma exortação ao leitor, como em *O Anticristo*; ou consiste numa tarefa a ser cumprida pelos novos filósofos, tal como em *Além de bem e mal*; ou é entendida como um projeto a ser levado a cabo pelo próprio Nietzsche, tal como encontramos a expressão no contexto do *Ecce Homo*. Todavia, na seção § 7 da primeira dissertação de *Genealogia da moral*, o filósofo alemão, apresenta a noção de transvaloração dos valores em uma acepção um pouco distinta. Isso porque, na referida passagem, transvaloração não é compreendida como um projeto a ser implementado, mas sim como uma espécie de evento já ocorrido. Além disso, nessa mesma passagem, 'transvaloração' não denota um movimento que conduziria a civilização ocidental de uma moral caracterizada pela negação da vida a uma moral de afirmação desta, mas o inverso. Ou seja, na seção § 7 da primeira dissertação de *Genealogia da moral*, 'transvaloração' significa um movimento que vai de uma moral de afirmação a uma moral de negação.¹⁰

Com efeito, quando propõe uma explicação acerca da gênese da moral, o filósofo recorre a uma espécie de hipótese histórica segundo a qual teria havido, em épocas passadas, um suposto conflito entre os valores cavaleirescos-aristocráticos e os valores sacerdotais. Os valores cavaleirescos, entendidos por Nietzsche como valores afirmativos da vida, expressariam o modo de ser de uma classe guerreira, a qual caracterizar-se-ia pela vitalidade, saúde, força e exuberância corpórea, enfim pela boa constituição física. Os valores sacerdotais, por outro lado, também refletiriam a constituição corpórea de quem os engendrou, isto é, a vitalidade comprometida, a debilidade corporal e a pouca robustez física dos sacerdotes. Enquanto a moral dos guerreiros tem por "bom" tudo o que diz respeito à sua vitalidade exuberante, a saber, as atividades físicas, a "dança", os "torneios", a "aventura" e a disputa em geral; a moral dos sacerdotes prescreve uma série de "bons" procedimentos que manifestam, por sua vez, a sua condição física limitada. Tais procedimentos, que serviriam para preservar a forma de vida fragilizada do sacerdote, caracterizam-se pela economia de ações e de excessos corpóreos. Portanto, a dieta restritiva, a abstinência sexual, o jejum, a privação de atividades físicas e a atitude ascética em geral são valorados, pelo sacerdote, como sendo uma "boa" forma de proceder.

No entender de Nietzsche, contudo, essa oposição de valores não deriva de uma espécie de dicotomia originária de perspectivas da qual os valores guerreiros e os sacerdotais teriam sido gerados simultaneamente. Ao invés de simultaneidade, o filósofo defende a tese de que ocorreria uma sucessão por negação, pois, no seu entender, a maneira sacerdotal de valorar teria sido derivada de uma recusa do modo guerreiro de valorar. Caracterizados pela má constituição física e, por essa razão, incapazes de adotar para si os valores guerreiros, os sacerdotes terminariam por criar seus valores através de uma inversão da forma guerreira de apreciar a vida. Essa inversão, sustenta o autor, seria engendrada a partir do *páthos* do *ressentimento* e da *vontade de vingança* dos sacerdotes em relação aos guerreiros. Em outras palavras, enciumados por conta da vitalidade dos guerreiros e impotentes para descarregar essa energia biliosa contra eles, os sacerdotes fariam dessa mesma energia a matéria-prima de sua demiurgia rancorosa de valores. A criação sacerdotal dos valores consistiria, portanto, numa espécie de desforra sublimada contra os seres de vitalidade exuberante.

A partir deste ponto, parece que já somos capazes de oferecer uma resposta ao primeiro problema proposto no início de nosso trabalho, pois a distinção de sentidos da expressão 'transvaloração dos valores' foi clarificada. Em sentido geral, transvaloração significa uma grande reviravolta valorativa em uma determinada civilização. Essa acepção geral divide-se em dois sentidos específicos, a saber: 1) o projeto nietzschiano de transvaloração, isto é, o audacioso intento que visa tomar as rédeas da história e redirecioná-la à criação de novos valores afirmativos – é nesta acepção que a expressão vai ser apresentada no final de *O Anticristo*; 2) as transvalorações engendradas pelo *páthos* do ressentimento, as quais já teriam ocorrido em momentos determinados da história. É dessa forma que a transvaloração é explicitada na seção § 7 da primeira dissertação de *Genealogia da moral* – a esta última acepção, o filósofo também se refere, por vezes, por meio da expressão *rebelião escrava da moral*,¹¹ uma vez que a inversão dos valores das aristocracias guerreiras seria produzida por sacerdotes que, geralmente, assumiriam o papel de guias espirituais de povos e grupos escravizados.

3. A TRANSVALORAÇÃO JUDAICA

Como dissemos, é justamente caracterizada como essa reviravolta de sacerdotes que a expressão *transvaloração dos valores* é conceituada na supracitada seção § 7. No trecho, Nietzsche lança mão do suposto exemplo histórico de uma "transvaloração judaica" – no seu entender, "o exemplo maior" de reviravolta dos valores – para argumentar a favor de sua tese. Na ótica do filósofo, os sacerdotes judeus da antiguidade teriam realizado uma radical inversão na moral guerreiro-aristocrática vigente em sua época. Através de um ardiloso estratagema, a *vitalidade* nobre teria passado a ser considerada um vício, enquanto que a impotência sacerdotal teria se tornado uma virtude:

Nada do que na terra se fez contra os nobres, os poderosos, os senhores os donos do poder, é remotamente comparável ao que os judeus contra eles fizeram; os judeus aquele povo de sacerdotes que soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical [*transvaloração*] dos valores¹² deles, ou seja, por um ato da mais espiritual vingança. Assim convinha a um povo sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!”¹³

Apesar de ser, aos nossos olhos, formalmente coerente, esta passagem da seção § 7 parece carecer de clareza histórica a respeito dos personagens que teriam atuado nessa trama transvalorativa. Em outros termos, quem são exatamente esses "sacerdotes judeus"? A quem Nietzsche se refere? Aos Saduceus, aos Fariseus¹⁴ ou aos fundadores do cristianismo primitivo? No mesmo sentido, precisamos perguntar: quem são os "nobres" e poderosos que sofrem a vingança moral dos sacerdotes? Seriam os egípcios? Os babilônios? Os romanos? Cabe também perguntar: em que momento teria ocorrido essa reviravolta? E, por fim, seria preciso esclarecer se Nietzsche entende os judeus como sendo um povo, por essência, ressentido.

A seção § 8 da primeira dissertação de *Genealogia da moral*, apesar de não ser totalmente conclusiva, parece nos fornecer algumas pistas para dirimir essas inquietações. No referido trecho, Nietzsche elege como objetivo central a defesa da seguinte tese: o advento do cristianismo consiste num movimento de continuidade do ressentimento e da vingança que caracterizam a moral judaica. O filósofo entende, contudo, que a doutrina cristã foi ainda mais extrema no caráter imaginativo de sua vingança contra os nobres, pois teria promovido "inovações judaicas do ideal".¹⁵ Impotentes para realizar uma reação efetiva contra seus opressores, os cristãos "forjaram" a existência de um *juízo divino* o qual ofereceria a possibilidade de uma revanche *na vida do além-mundo*. No "reino da luz e das alturas"¹⁶, os cristãos seriam recompensados por suas dores terrenas e, de lá, observariam os sofrimentos eternos de seus opressores condenados ao lugar de trevas e de tormentos. A esse respeito, as seções § 14 e § 15 da primeira dissertação da *Genealogia da moral* são muito claras. Na seção § 14, por exemplo, Nietzsche afirma que os cristãos embriagados por uma esperança de vingança "chamam aquilo que lhes serve de consolo por todo sofrimento da vida [...] de Juízo final, o advento do seu reino, do reino de Deus";¹⁷ enquanto que, na § 15, ele utiliza citações de São Tomaz de Aquino e Tertuliano para tentar corroborar a tese de que a noção de Além dos cristãos seria um engodo promovedor de alívio e desforra imaginária. Em suma, através de suas novas categorias transcendentais, o cristianismo haveria levado, segundo a perspectiva nietzschiana, a transvaloração judaico-cristã a sua fase de acabamento.¹⁸

Ora, se levarmos em conta o desenvolvimento argumentativo, sobretudo das seções § 7 e § 8, podemos entender que a *transvaloração* levada a cabo pelos judeus consiste num processo iniciado numa determinada ocasião da história judaica e que teria atingido seu ápice no momento no qual o cristianismo se instalou no Império romano como uma religião oficial. A esse respeito, a parte final da seção § 8 é indicativa: "*sub hoc signo* [sob este signo], com sua vingança e sua [transvaloração] dos valores, Israel até agora triunfou sobre todos os outros ideais, sobre todos ideais mais nobres".¹⁹ Por meio dessa expressão em latim,²⁰ Nietzsche faz referência à versão de Eusébio de Cesareia acerca da conversão do Imperador Constantino ao cristianismo que, momentos antes da batalha de *Pont Milvius*, em 312 d.C., teria, supostamente, experienciado – talvez sonhando – uma espécie de visão celestial. Primeiro imperador romano a se tornar cristão e um dos primeiros responsáveis por robustecer a política de tolerância em relação à nova religião no império romano,²¹ Constantino teria avistado, no Céu, uma cruz luminosa e os seguintes dizeres: *In hoc signo vinces* (Tu venceras por esse signo).²² Ora, ao trazer à baila o relato de Eusébio, Nietzsche parece entender a conversão de Constantino como uma espécie de marco do triunfo da transvaloração judaica, pois a adesão do imperador ao cristianismo representaria a vitória dos valores sacerdotais sobre Roma.

Como dissemos, a seção § 8 da primeira dissertação da *Genealogia da moral* nos fornece algumas pistas para responder algumas questões elencadas há pouco, pois deixa claro que, quando Nietzsche fala em "*revolta dos escravos na moral*",²³ na seção § 7, ele não toma como ponto de partida o processo transvalorativo dos judeus cristianizados, mas pensa o início desse processo como estando localizado num momento anterior da história da cultura judaica. Com efeito, para o filósofo, o cristianismo teria brotado "do tronco daquela árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu", pois o cristianismo não teria "surgido como a negação daquela avidez de vingança, como antítese do ódio judeu", mas como uma continuação deste suposto *páthos* de vingança que caracterizaria os sacerdotes judeus.²⁴ Todavia, aqui, algumas questões retornam necessariamente: quando o processo teria iniciado? Quem seriam

seus agentes primevos da transvaloração judaica?

Para dar conta dessas questões é necessário que examinemos a argumentação que Nietzsche desenvolve entre as seções § 24, § 25 e § 26 de *O Anticristo*. Na seção § 24, o filósofo alude a sua *Genealogia da moral* e retoma a tese de que cristianismo consiste num desdobramento do mesmo movimento de inversão moral iniciado pelo ressentimento judeu. Na seção § 25, contudo, ele nos traz uma informação adicional que havia ficado velada em *Genealogia da moral*. Qual seja, o primeiro movimento de inversão teria acontecido no seio da própria cultura hebraica e invertido os valores aristocráticos e autoafirmativos dos próprios judeus! Em outros termos, inicialmente, a negação ressentida dos valores não teria ocorrido em relação aos valores dos povos dominantes, mas em relação aos valores que expressariam uma vitalidade que caracterizava um momento do desenrolar histórico do próprio povo judeu. Como isso seria possível? Não haveria, aqui, um discurso contraditório?

Na verdade, neste ponto, Nietzsche se revela um grande conhecedor e sagaz analista da história cultural dos hebreus.²⁵ Se levarmos em conta os relatos do *Antigo Testamento* – temos em mente, sobretudo, os dois livros de *Samuel* e o primeiro *Reis* –, encontraremos, na suposta história do povo hebreu, um período de extrema glória na época de sua realeza. Principalmente, no período anterior à separação de Judá e de Israel, nos consecutivos reinados de Davi e Salomão, o povo hebreu teria experimentado um momento de esplendor e poder. Davi, descrito como um rei guerreiro e conquistador, teria expandido as fronteiras do reino; Salomão, por outro lado, seria um sábio estadista responsável pela consolidação do "império", pela expansão do comércio e por construções monumentais como o templo de Javé. Segundo Nietzsche, a vivência desse apogeu de potência teria feito com que o povo judeu engendrasse valores em consonância com a superabundância de força e de vitalidade. Examinemos a seção § 25 de *O anticristo*:

Originalmente, sobretudo na época dos reis, também Israel achava-se na relação *correta*, ou seja, natural com todas as coisas. Seu Javé era expressão da consciência de poder, da alegria consigo, da esperança por si: nele esperava-se vitória e salvação, com ele confiava-se na natureza, (...). Javé é o Deus de Israel e, *por conseguinte*, deus da justiça: a lógica de todo povo que está no poder e tem boa consciência. No culto festivo se exprimem esses dois lados da auto-afirmação de um povo: ele é grato pelas grandes vicissitudes mediante as quais subiu ao topo.²⁶

Na ótica de Nietzsche, esse *páthos* afirmativo que caracterizava a cultura hebraica na época de Davi e Salomão teria se prolongado mesmo depois do início do processo de fragmentação e do posterior fenecimento da realeza judaica: "Esse estado de coisas permaneceu ainda muito tempo como ideal (...) o povo reteve, como desiderato supremo, a visão de um rei que era bom soldado e juiz severo".²⁷No entanto, uma enorme transformação teria sobrevindo quando a classe sacerdotal assumiu a direção do povo de Israel, pois esta teria realizado uma grande inversão de valores no coração da própria cultura judaica. No entender de Nietzsche, a reviravolta em questão fez com que a glória e o poder dos soberanos de Judá e de Israel passassem a ser interpretados à luz da noção moral-religiosa de pecado. Derivativamente, o cativo na Babilônia foi enxergado sob a perspectiva de uma punição divina por conta desse suposto pecado:²⁸

nas mãos dos sacerdotes judeus, a *grande* época de Israel tornou-se época de declínio; o exílio, a longa desventura, transformou-se em eterna *punição* pela grande época – um tempo em que o sacerdote ainda não era nada... sua

necessidade, fizeram das poderosas figuras da história de Israel, de índole bastante livre, miseráveis hipócritas e santarrões ou "homens sem Deus"²⁹

Contudo, é nosso dever questionar: como essa tomada de poder e a consequente inversão de valores poderiam ter acontecido? Ora, no tempo dos reis de Judá e Israel os sacerdotes gozavam de pouca autoridade política,³⁰ porém, com o advento do exílio na Babilônia e, sobretudo, após a repatriação promovida por Ciro – o soberano persa –, a classe sacerdotal constituiu-se como o pilar de coesão político-religiosa do povo de Javé.³¹ Detendo o poder, os sacerdotes teriam redirecionado a moral do povo judeu por meio da reinterpretação e reescritura de boa parte dos livros sagrados os quais norteiam, até hoje, seus valores. Ora, se aceitarmos essa interpretação da história dos judeus, a qual consiste numa espécie de pressuposto subjacente à tese nietzschiana, responderemos, de forma aproximada, nossas questões. De fato, entendemos que, neste ponto do artigo, é possível afirmar que um longo processo de decadência política da realeza, iniciado no final do século X a.C com o desmembramento da monarquia – a qual passou pela desintegração no início do século VI a.C – e chegado a termo com o exílio babilônico³², foi o que propiciou o gradual preenchimento de um vácuo político pela classe sacerdotal. Enfim, esse processo de ocaso político teria feito com que esses sacerdotes, sobretudo no final do século VI a.C, passassem a gozar de poder para promover uma guinada valorativa numa cultura que, outrora, norteava-se por valores guerreiros-aristocráticos.³³

Tendo em mente que Nietzsche levou em conta essas transformações culturais pelas quais teria passado a história judaica, então somos partidários da tese de que, quando o filósofo utiliza a expressão 'Roma contra Judéia' – na seção § 16 da primeira dissertação de *Genealogia da moral* –, ele está, na verdade, tomando os dois termos dessa disputa como casos paradigmáticos do embate 'autoafirmação versus ressentimento'. Em outros termos, a palavra 'Roma' é tomada como um termo genérico que significaria, indistintamente, qualquer momento cultural de autoafirmação; enquanto que 'Judéia' designaria civilizações e valores engendrados a partir do ressentimento. Nesse sentido, em determinados momentos históricos efetivos, Roma poderia ser entendida como 'Judéia' e vice-versa. Ou seja, avaliada pela ótica genealógica, a época das realezas davídica e salomônicas deveria ser designada pelo termo genérico 'Roma'. Por outro lado, o processo de cristianização de Roma deveria ser compreendido à luz da transvaloração promovida por 'Judéia'. Enfim, não é em termos racistas que Nietzsche compreende a reviravolta valorativa implementada pelos sacerdotes judeus.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
BÍBLIA SAGRADA. *Com reflexões de Lutero*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
COHEN-HALIMI, Michèle. Nietzsche e “o povo mais fatal da história universal”. *Cadernos Nietzsche* 37, 2016, p. 47-82
JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2016.
LEMAIRE, André. *História do povo hebreu*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.
LEPELLEY, Claude. *L'empire romain et le christianisme*. Paris: Flammarion, 1969.
MAZZINGHI, Luca. *História de Israel: das origens ao período romano*. Petrópolis: Vozes, 2017.
NIETZSCHE, Friedrich. Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1999.
NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2005.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- VEYNE, Paul. *Quand notre monde est devenu chrétien*. Paris: Albin Michel, 2007.
- WOTLING, Patrick. Nota 1, p. 81. In: NIETZSCHE, Friedrich. *La Généalogie de la Morale*, trad. P. Wotling, Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

NOTAS

- 1 ‘Transvaloração dos valores’ é a tradução da expressão *Umwertung der Werte*, que também é traduzida por ‘tresvaloração dos valores’, ‘transposição dos valores’ e ‘reviravolta dos valores’. Anteriormente a *Genealogia da moral*, Nietzsche já havia utilizado ‘transvaloração’ em algumas obras publicadas. O termo aparece, por exemplo, nas seções § 46 e § 203 de *Além de bem e mal* (NIETZSCHE, Friedrich. Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999. Vol. 5. p. 67 e 126). Apesar de só se fazer presente na obra publicada a partir deste livro, entendemos que a noção de *transvaloração dos valores* – e não a expressão – já existia, pelo menos, desde *Assim falava Zaratustra*. É bem verdade que, mesmo em *Aurora* (§ 20, §71 e § 87), a noção já se apresenta em forma embrionária. (NIETZSCHE, Friedrich. Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). op.cit. Vol. 3. p 32-33, 69-70 e 81-82).
- 2 NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* § 62. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 79.
- 3 Conferir, por exemplo: Ibidem. § 58. p. 74.
- 4 Ibidem §. 43. op.cit. p. 50.
- 5 C.f. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2016. p.490. YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica*. Rio de Janeiro: Forense, 2014. p. 630.
- 1 ‘Transvaloração dos valores’ é a tradução da expressão *Umwertung der Werte*, que também é traduzida por ‘tresvaloração dos valores’, ‘transposição dos valores’ e ‘reviravolta dos valores’. Anteriormente a *Genealogia da moral*, Nietzsche já havia utilizado ‘transvaloração’ em algumas obras publicadas. O termo aparece, por exemplo, nas seções § 46 e § 203 de *Além de bem e mal* (NIETZSCHE, Friedrich. Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999. Vol. 5. p. 67 e 126). Apesar de só se fazer presente na obra publicada a partir deste livro, entendemos que a noção de *transvaloração dos valores* – e não a expressão – já existia, pelo menos, desde *Assim falava Zaratustra*. É bem verdade que, mesmo em *Aurora* (§ 20, §71 e § 87), a noção já se apresenta em forma embrionária. (NIETZSCHE, Friedrich. Werke. Kritische Studienausgabe (KSA). op.cit. Vol. 3. p 32-33, 69-70 e 81-82).
- 2 NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* § 62. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 79.
- 3 Conferir, por exemplo: Ibidem. § 58. p. 74.
- 4 Ibidem §. 43. op.cit. p. 50.
- 5 C.f. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2016. p.490. YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica*. Rio de Janeiro: Forense, 2014. p. 630.
- 6 NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* § 62. op.cit. p. 80 (grifo nosso).
- 7 NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal* § 203. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras (companhia de bolso), 2005. p. 91.

- 8 C.f. NIETZSCHE, Friedrich. Werke Kritische Studienausgabe (KSA). op.cit. Vol. 6. p. 257.
- 9 NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Por que sou um destino §1. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 109.
- 10 Na seção § 46 de *Além de bem e mal*, a expressão aparece numa acepção análoga (C.f. NIETZSCHE, Friedrich. Werke Kritische Studienausgabe (KSA). op.cit. Vol. 5. p. 64.
- 11 A expressão é *Sklavenaufstand* que significa 'rebelião dos escravos' ou 'revolta dos escravos' (C.f. *Além de bem e mal* § 195 e *Genealogia da moral* I § 7 e § 10 (C.f. NIETZSCHE, Friedrich. Werke Kritische Studienausgabe (KSA). op.cit. p. 117, 268 e 270).
- 12 Paulo César de Sousa opta por traduzir a expressão '*Umwertung der Werte*' por 'tresvaloração dos valores' e não por 'transvaloração dos valores'.
- 13 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral* I § 7. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 25 e 26 (grifo nosso).
- 14 Os Saduceus e Fariseus eram integrantes de seitas que disputavam o poder religioso da comunidade judaica na época em que o Cristo teria vivido.
- 15 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral* I § 8. op.cit. p. 27.
- 16 Ibidem I § 8. p. 27.
- 17 Ibidem I § 14. p. 39.
- 18 Não defendemos que, na tradição judaica que antecede o Cristianismo, não existisse a noção de vida após a morte. Em algumas passagens do *Antigo Testamento*, há, por exemplo, referências a uma vida *Sheol* (sobre o *Sheol*, ou *Xeol*, ver: *Gênesis* 37,35; *Isaias* 38,18; *Jó* 10,21 e *Eclesiastes* 9,10, BÍBLIA SAGRADA, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 84; 1311-1312; 815; 1081, respectivamente). Essas passagens, geralmente, descrevem o *Sheol* como um lugar caótico e de trevas: "antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte; terra de negridão, de profunda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa" (BÍBLIA SAGRADA. Com reflexões de Lutero. *Jó* 10,21-22. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. p. 459). Além disso, no Antigo Testamento, a vida pós-morte era, algumas vezes, identificada com uma espécie de estado vegetativo: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma" (BÍBLIA SAGRADA. Com reflexões de Lutero. *Eclesiastes* 9, 10. op.cit. p. 625-626). A noção de um reino dos céus como um lugar de redenção extraterreno foi sendo elaborada paulatinamente na cultura judaica. Ainda na época de Jesus, temas como a ressurreição, o juízo final e a existência de anjos eram questões de debates entre os sacerdotes judeus. Os *fariseus*, por exemplo, defendiam a ressurreição e a existência de seres celestiais. Os *saduceus*, por outro lado, negavam a ressurreição, o juízo final e a existência de anjos e espíritos (ver: *Atos dos Apóstolos* 23, 8. *Ibidem*. p. 1039). Em suma, foi a doutrina cristã que institucionalizou e propagou os "conceitos" de vida eterna, juízo final e reino dos céus. Existem, todavia, referências à ressurreição e à vida eterna na Bíblia católica, por exemplo, em *I Macabeus* 7, 9 (ver: BÍBLIA SAGRADA, *Bíblia de Jerusalém*. op.cit. p. 777).
- 19 Primeiros colchetes do tradutor.
- 20 A esse respeito, verificar o comentário de Wotling: "*Sub hoc signo*: em latim, 'sob este signo'; Nietzsche retoma de maneira inexacta as palavras que teriam aparecido ao imperador Constantino. A forma exata é: *In hoc signo vinces* ('Tu venceras por esse signo'). Nietzsche já havia feito uso dessa fórmula no parágrafo § 96 de *Aurora*" (WOTLING, Patrick. Nota 1, p. 81. In: NIETZSCHE, Friedrich. *La Généalogie de la Morale*, trad. P. Wotling, Paris: Le Livre de Poche, 2000. p.81).
- 21 Na verdade, desde de 311 d.C., o imperador Galério – malgrado um governo marcado por uma feroz perseguição aos cristãos –, havia promulgado, em Nicomédia, um édito de tolerância que declarava o cristianismo um culto lícito (LEPELLEY, Claude. *L'empire romain et le christianisme*. Paris: flammariion, 1969. p. 53 e 62).
- 22 C.f. LEPELLEY, Claude. *L'empire romain et le christianisme*. op.cit. p.64; VEYNE, Paul. *Quand notre monde est devenu chrétien*. Paris: Albin Michel, 2007. p. 10; 79-98.
- 23 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral* I § 7. op.cit. p. 26.

24 Ibidem. I § 8. p. 26 e 27.

25 Cohen-Halimi aprofunda a análise acerca da relação entre Nietzsche e os judeus e também evidencia as fontes utilizadas pelo filósofo no estudo da história hebraica (C.f. COHEN-HALIMI, Michèle. Nietzsche e “o povo mais fatal da história universal”. *Cadernos Nietzsche* 37, 2016, p. 47-82).

60

26 NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* § 25. op.cit. p. 30.

27 Ibidem. § 25. p. 30 e 31.

28 É relevante que, na historiografia contemporânea, há teses que não destoam inteiramente da interpretação nietzschiana: “os sacerdotes hebreus, uma vez tornados os guias espirituais do povo no exílio, iniciam a escrever uma seleção das mais antigas tradições do passado de Israel [...] relendo-as à luz da situação de exilados. O passado torna-se ao mesmo tempo modelo para o presente e sinal de esperança para o futuro” (MAZZINGHI, Luca. *História de Israel: das origens ao período romano*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 111).

29 NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo* § 26. op.cit. p. 32.

30 C.f. MAZZINGHI, Luca. *História de Israel*. op.cit. p. 102.

31 C.f. Ibidem. p. 109-111. Verificar também: LEMAIRE, André. *História do povo hebreu*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011. p. 79-81.

32 Em 931 a.C., a monarquia unificada dividiu-se nos reinos de Israel, ao Norte, e Judá, ao Sul. O Reino de Israel, cai, em 722 a.C, sob domínio assírio; enquanto que o Reino de Judá é capitulado, em 586 a. C, por Nabucodonosor, o qual, neste mesmo ano, leva a cabo o exílio babilônico já iniciado em 597 a. C. (C.f. MAZZINGHI, Luca. *História de Israel*. op.cit. p. 69 -73, 84 - 87, 97 -100).

33 Nesses termos, somos contrários à interpretação de Young (C.f. YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica*. op.cit. p. 631).